

**DESCRIÇÃO E REFLEXÃO SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
SOB UMA PERSPECTIVA SEMÂNTICA- OPERATÓRIA**

**DESCRIPTION AND REFLECTION ON THE TEACHING OF THE
PORTUGUESE LANGUAGE FROM A SEMANTIC-OPERATIONAL
PERSPECTIVE**

Isael da Silva Sousa¹
Maria José Oliveira de Sousa²
Albano Dalla Pria³

Data de recebimento do texto: 04/04/2026

Data de aceite: 30/04/2026

Resumo: O presente artigo propõe refletir sobre o ensino de língua portuguesa e de gramática, a partir dos pressupostos da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), desenvolvida por Culioli (1990, 1999a, 1999b, 2018) e por seus sequenciadores. Trata-se de um estudo de natureza teórico-reflexiva, cujo *corpus* é constituído por quatro pesquisas, materializadas em artigos e capítulo de livro, que discutem o ensino de língua portuguesa e de gramática a partir da consideração do funcionamento linguístico e da atividade do sujeito. As reflexões desenvolvidas evidenciam a centralidade da significação como resultado de operações de linguagem, destacando o papel das operações predicativas e das atividades epilinguísticas na construção dos valores linguísticos em contexto escolar. Observa-se, ainda, a problematização de práticas tradicionais de ensino de gramática, especialmente aquelas centradas na descrição normativa, em favor de abordagens que privilegiam a reflexão sobre o funcionamento da língua.

Palavras-chave: Ensino de língua materna. Enunciação. Significação. TOPE. Gramática.

Abstract: This article aims to reflect on the teaching of Portuguese language and grammar based on the assumptions of the Theory of Predicative and Enunciative Operations (TOPE), developed by Culioli (1990, 1999a, 1999b, 2018) and his theoretical continuators. This is a theoretical-reflective study whose corpus consists of four studies, presented as journal articles and a book chapter, which discuss the teaching of Portuguese language and grammar from the perspective of linguistic functioning and the activity of the subject. The reflections highlight the centrality of meaning as the result of language operations, emphasizing the role of predicative operations and epilinguistic activities in the construction of linguistic values in the school context. The study also points to the problematization of traditional grammar teaching practices, especially those centered on normative description, in favor of approaches that promote reflection on the functioning of language.

Keywords: First language teaching. Enunciation. Meaning. TOPE. Grammar.

¹ Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGL/UNEMAT). Professor adjunto na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Campus Barra do Corda. Líder do Grupo de Pesquisa de Estudos Léxico-Gramaticais Enunciativos (CNPq). E-mail: isaelsousah@gmail.com

² Graduada em Letras – Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa - pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Campus Barra do Corda. E-mail: oliveira.2sousa@gmail.com

³ Pós-doutorado em Linguística (Semântica) pela Universidade Nova de Lisboa. Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP/Araraquara. Docente da UNEMAT/Campus de Alto Araguaia e do Programa de Pós-graduação em Linguística da UNEMAT/Cáceres. Líder do Grupo de Pesquisa Variação e Invariantes na Linguagem (CNPq). E-mail: adallapria@gmail.com

1. Introdução

O presente artigo tem como objetivo propor uma reflexão sobre o ensino de língua portuguesa e de gramática a partir dos pressupostos da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE). Para tanto, descrevemos e analisamos um conjunto de quatro produções acadêmicas: *Gramática e construção da significação*, de Campos (2000); *O ensino de Gramática em uma Perspectiva Enunciativa*, de Lima (2010); *Mecanismos enunciativos: entre a entrevista e a biografia*, de Onofre e Santos (2021); e *Da atividade epilinguística à metalinguística: uma perspectiva operatória no ensino de língua portuguesa*, de Onofre e Onofre (2021). O principal critério na escolha do corpus foi a reflexão acerca do ensino de língua portuguesa atrelada à TOPE, que define a linguagem como:

“uma atividade de representação, referenciação e regulação acessível somente através de sequências textuais, isto é, através do agenciamento de marcadores que são traços de operações subjacentes” (Culioli, 1990, p.14, 179 *apud* Pria, 2009, p.15 - tradução desse).

Culioli também define as línguas como “sistemas simbólicos de representação de significado que apresentam variações no tempo, no espaço, de uma cultura a outra, entre falantes e intra-falantes” (Culioli, 1990, p.14, 179 *apud* Pria, 2009, p.15 - tradução desse). Assim, a linguística culioliana tem o objetivo de “compreender a atividade de linguagem através da diversidade das línguas naturais (e através da diversidade dos textos, orais e escritos)” (Culioli, 1990, p.14 *apud* Pria, 2009, p.14 - tradução deste.).

As definições supracitadas, que estão na base da TOPE, dão suporte aos textos analisados neste artigo. Como consequência, partimos da hipótese de que os trabalhos examinados se aproximam na defesa de um ensino que entende a linguagem como um processo de construção e não como uma simples aplicação de modelos.

Assim, este artigo está estruturado de modo a apresentar, inicialmente, a fundamentação teórica, seguida da análise das produções selecionadas, na qual descrevemos e examinamos como os autores problematizam práticas tradicionais que reduzem o ensino de língua a um conjunto de classificações e definições, em detrimento de uma reflexão sobre a atividade de linguagem. Em seguida, elaboramos uma síntese que discute as principais contribuições, aproximações e divergências entre os trabalhos em relação ao ensino de língua portuguesa e de gramática. Por fim, apresentamos as considerações finais.

2 Concepções de linguagem e suas implicações no ensino de língua portuguesa

A linguagem, de modo geral, é algo fascinante que nos faz humanos, é uma cola que mantém nossa sociedade unida, nos permitindo compartilhar pensamentos, sentimentos e experiências. No decorrer dos anos foram desenvolvidas diferentes concepções sobre a linguagem, desde uma expressão do pensamento e uma ferramenta de comunicação até uma concepção mais dialógica e discursiva. A gramática normativa, em geral, não se propõe a questionar ou problematizar usos da língua, optando por classificar estruturas em categorias fixas e prescritivas. Diante disso, é necessário repensar o que deve ser ensinado nas aulas de língua portuguesa e com quais finalidades.

Vamos aqui apresentar três possibilidades de se conceber a linguagem. Essas três concepções não são apenas diferentes formas de definir linguagem, mas refletem modos distintos de ensinar e aprender língua portuguesa. Enquanto a primeira prioriza a interioridade, a segunda foca na eficiência da transmissão e a terceira valoriza o diálogo, o contexto e a construção conjunta de significados. A última, mais recente e aderente aos pressupostos da BNCC, é a que mais se aproxima das práticas críticas e reflexivas no ensino da língua.

A primeira consiste na linguagem como a expressão do pensamento, para a qual a expressão se estabelece no interior da mente e sua exteriorização é apenas uma tradução, “[...] portanto, para essa concepção, o modo como o texto, que se usa em cada situação de interação comunicativa, está constituído não depende em nada para quem se fala, em que situação se fala, para que se fala” (Travaglia, 1996, p. 22). Esta concepção pode ser entendida pelo binômio pensar-falar, de maneira que o indivíduo primeiro tem a ideia do que quer expressar, para em seguida, exteriorizar isto por meio da fala ou escrita.

A segunda concepção contempla a linguagem como instrumento de comunicação, ou seja, como meio objetivo para a comunicação. Aqui a concepção é mais dialógica, com a linguagem sendo o meio que permite que o sujeito possa interagir com seus pares, por meio do uso de signos e demais convenções linguísticas que sejam inteligíveis para quem faz parte do processo interacional, nessa concepção a língua é tida como um conjunto de signos que se combinam segundo regras. Com o uso da língua as informações são transmitidas de um emissor para um receptor, mas é necessário que o código seja usado de maneira semelhante, estabelecido previamente e convencionado para que a comunicação se efetive. Essa

concepção está representada pelos estudos linguísticos realizados a partir de Saussure, com o estruturalismo, assim como pelo transformacionalismo, a partir de Chomsky (1975).

De acordo com Chomsky (1975), a linguagem é algo estritamente humano e distingue-se pela capacidade cognitiva única de aprender e implementar essa capacidade. O autor argumenta a favor da existência de uma gramática universal, que afirma ser uma estrutura inata que nos habilita a aprender qualquer língua natural como seres humanos. Chomsky (1975) acentua a divisão entre a competência linguística, que é o conhecimento implícito das regras gramaticais de uma língua, e o desempenho linguístico, ou a implementação desse conhecimento. Em suas palavras:

Parece-me razoável a suposição de que não existe nenhuma estrutura semelhante à gramática universal em organismos não-humanos e que a capacidade de utilização livre, adequada e criadora da linguagem como uma expressão do pensamento, munida de meios fornecidos pela faculdade da linguagem, é também um traço distintivo da espécie humana, não existindo em parte nenhum qualquer caso análogo significativo (Chomsky, 1975, p.47).

Ademais, Chomsky (1975) enfatizou a criatividade dos falantes, a capacidade de fazer e entender um número significativo de frases novas, mesmo que nunca as tenha ouvido, para ele a linguagem é um sistema complexo e não adquire, nasce conosco, precisamos dela para a cognição humana, como mencionamos nos molda como seres pensantes. Como a linguagem tem inúmeras concepções, a prática dos professores frequentemente espelha esses sistemas de conceitos e abarcam, em muitas ocasiões, vários momentos no que tange às regras gramaticais normativas e às atividades metalinguísticas.

A terceira concepção concebe a linguagem como forma ou processo de interação, na qual quando o indivíduo usa a língua não é para apenas traduzir e exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outrem, entretanto, realiza ações, age, atua sobre o interlocutor, pois a linguagem é um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores. O código em seu sentido amplo é que caracteriza a linguagem e essa concepção é representada por todas as correntes de estudo da língua que podem ser reunidas sob o rótulo de linguística da enunciação (Travaglia, 1996, p. 23)”. É nessa terceira concepção que ancoramos nossa reflexão sobre o ensino de gramática neste artigo.

No programa culioliano, a linguagem é compreendida como uma atividade de representação de significação que é acessível somente por meio de sequências textuais, que são traços de operações. Quando afirmamos que a linguagem é uma atividade de

representação, queremos dizer que ela é o mecanismo de localização responsável por organizar um espaço, distanciando e aproximando pontos ou lugares. Ela é por natureza indeterminada. Em outros termos,

O conceito de linguagem, enquanto atividade, enquanto trabalho, questiona a estabilidade das representações e, conseqüentemente, a existência de significações consensuais ou compartilhadas. Esses significados existem, sem dúvidas, mas o nosso posicionamento teórico procura saber como eles chegam a ser o que são (Rezende, 2000, p.17).

A própria linguagem que constrói significação. A estabilidade é uma conquista e “a compreensão é um caso particular do mal-entendido” (Franckel; Paillard, 2011, p. 44). Advogamos, dessa forma, que estamos a todo momento fazendo ajustes e regulações e é, justamente, nesse processo de equilíbrio que o diálogo ocorre. O diálogo é a função reguladora de caráter intrassubjetivo e intersubjetivo, é a “atividade metalinguística não consciente do sujeito” (Culioli, 1990, p. 26 – Tradução nossa).

Voltando o nosso olhar agora para o ensino, no contexto brasileiro, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018) e a BNC-Formação (2019) constituem políticas educacionais que promovem um currículo comum e buscam melhorar a qualidade da educação. A BNCC define competências e objetivos de aprendizagem para todas as disciplinas da educação básica, incluindo a língua portuguesa, enfatizando uma abordagem comunicativa e integrativa, contextualizando a gramática em situações reais e reforçando a importância da comunicação. A BNC-Formação, por sua vez, concentra-se na formação inicial de professores, garantindo que desenvolvam as competências e conhecimentos necessários para implementar o currículo da BNCC, com impacto direto sobre o ensino da língua portuguesa no país.

Nesse cenário, a TOPE oferece fundamentos para pensar o ensino de língua portuguesa alinhado às diretrizes da BNCC, uma vez que permite organizar o ensino de forma que os alunos construam sentido, em vez de apenas reproduzir normas ou modelos pré-estabelecidos. Nesse sentido, as competências e objetivos da BNCC, que enfatizam a contextualização da gramática, a integração da linguagem em situações reais de comunicação e a produção textual significativa, encontram respaldo na TOPE, pois esta propicia estratégias pedagógicas que estimulam a reflexão sobre a atividade de linguagem, o ajuste contínuo dos significados e a construção de sentido em interação.

Posto isso, vejamos na sequência, a nossa descrição e análises.

3 Ensino de língua portuguesa e gramática em análise

Antes de partimos para as nossas análises é importante ressaltarmos que, neste estudo, adotamos uma abordagem teórico-reflexiva centrada na análise de quatro produções acadêmicas, compostas por artigos e capítulo de livro, selecionadas por sua relevância na discussão sobre o ensino de língua portuguesa e de gramática sob a perspectiva da TOPE. Como critérios de inclusão, consideraram-se trabalhos que dialogam explicitamente com a perspectiva culioliana, que abordam o ensino de língua portuguesa em contexto escolar e que apresentam reflexões teóricas voltadas a construção de sentido e à atividade de linguagem. Como critérios de exclusão, foram desconsideradas produções de caráter estritamente normativo ou prescritivo, bem como estudos que tratam da gramática de forma descontextualizada ou que não estabelecem relação direta com o ensino. A análise foi realizada de forma comparativa, permitindo identificar convergências e divergências, além de ressaltar propostas de práticas pedagógicas coerentes com o funcionamento real da língua. Todo o processo metodológico esteve orientado pela perspectiva culioliana, privilegiando a reflexão sobre a atividade de linguagem e a construção de sentido como elementos centrais do ensino de língua portuguesa.

A caracterização dos textos analisados foi organizada por meio de uma tabela, na qual se apresentam informações relativas à autoria, título, filiação institucional e ao ano de publicação de cada texto. Observemos a tabela seguir:

Quadro 01: Trabalhos selecionados para descrição e análise

Autoria	Título	Filiação institucional	Ano de publicação
Maria Henriqueta Costa Campos	Gramática e construção da significação	Universidade Nova de Lisboa	2000
Maria Auxiliadora Ferreira Lima	O ensino de Gramática em uma Perspectiva Enunciativa	Universidade Federal do Piauí	2010
Lidiany Pereira dos Santos Marília Blundi Onofre	Mecanismos enunciativos: entre a entrevista e a biografia	Universidade Federal do Piauí Universidade	2021

		Federal de São Carlos	
Stéfano Grizzo Onofre Marília Blundi Onofre	Da atividade epilinguística à metalinguística: uma perspectiva operatória no ensino de língua portuguesa	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso Universidade Federal de São Carlos	2021

Fonte: elaborado pelos autores

Vejamos, nas subseções a seguir, a nossa descrição e análise das quatro pesquisas subsidiadas pela TOPE e selecionadas para este estudo.

3.1 Mecanismos enunciativos: entre a entrevista e a biografia

O primeiro texto que faremos a descrição é intitulado “Mecanismos enunciativos: entre a entrevista e a biografia”, de autoria de Santos e Onofre (2021), publicado na revista Estudos Linguísticos. O objetivo do artigo supracitado consiste em fazer uma reflexão sobre o ensino de produção textual, pautada pela reprodução de gêneros textuais. O problema de pesquisa elencado pelas autoras é o fato de o ensino tradicional atribuir ao aluno o papel de expectador nas produções textuais. Assim, partem das produções textuais realizadas pelos alunos na produção e interpretação dos gêneros Biografia e Entrevista, buscando explorar o processo gerador desses gêneros textuais na prática de ensino-aprendizagem.

Ainda na introdução do artigo, Santos e Onofre (2021, p. 1306) apresentam como concebem o ensino de língua, isto é,

Pensamos que o ensino de língua tem como uma das principais tarefas responder às produções dos alunos, seja nos exercícios de escrita ou de interpretação textual, que devem ser referenciais para o trabalho a ser aplicado com vistas ao desenvolvimento linguístico-cognitivo dos aprendizes.

Perceba que a compreensão explicitada diverge dos modelos tradicionais e coloca em evidência um ensino que visa a reflexão dos aprendizes acerca de operações de linguagem

envolvidas em processos de produção textual. É importante frisar que as autoras concebem a linguagem a partir de princípios enunciativos, como consequência tomam o sujeito ator e construtor social, assumindo uma postura ativa na elaboração de sentidos.

Essa concepção de linguagem é sustentada nos trabalhos de Bakhtin e Culioli. As autoras apresentam que para Bakhtin a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos e o texto é um enunciado que está vinculado a uma função social. Destacam ainda que os parâmetros curriculares nacionais (PCNs) de 1998 e a base nacional comum curricular (BNCC) de 2017 partem de vertentes teórico-epistemológicas dialógicas, principalmente a concepção de linguagem de Bakhtin, qual seja um processo de interação social.

Em seguida, apontam que o gênero textual biografia no livro didático não é relacionado com mecanismos enunciativos e discursivos os quais se constroem por meio das relações léxico-gramaticais como preconizam a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE). As autoras argumentam que a enunciação para Culioli é um processo de construção e o enunciado é resultado desse processo. Logo,

Dessa forma, a TOE não separa léxico e sintaxe, ela defende o estudo das unidades léxico-gramaticais nos enunciados para o processo de constituição de significação porque há uma relação intrínseca entre forma e significação, ou seja, entre Língua e Linguagem, por isso a TOE entende que a Linguagem é uma atividade, ou melhor, um processo que se caracteriza por ser ao mesmo tempo estável e instável. Estável porque há a regularidade das formas linguísticas e instável porque há também as variações quanto aos usos dessas formas linguísticas (Santos e Onofre, 2021, p. 1312).

Podemos reforçar, a partir das palavras de Santos e Onofre, que a TOPE não faz separação entre léxico e sintaxe e é essa visão que guia as suas análises, as quais acontecem da seguinte forma: 1) a observação da produção textual de alunos do 7º ano de uma escola pública de Teresina-PI; 2) solicitação de uma produção textual a partir do gênero biografia e entrevista proposta no livro didático “Jornadas. Língua Portuguesa Editora Saraiva”; 3) apresentam dois enunciados como ponto de partida para a análise e explicita que a entrevista é a situação anterior à enunciação (Sit 1) e a biografia como posterior a enunciação (Sit 2); 4) observam que os alunos se inserem na produção do texto; 5) constataam dois sistemas temporais nos textos escritos pelos alunos; 6) defendem que os deslocamentos observados são resultantes da ausência de sugestão do material didático de um trabalho que explore os mecanismos enunciativos e discursivos; 7) advogam que o ensino-aprendizagem da produção textual deve explorar a atividade de linguagem do educando, conduzindo ao seu refinamento dos processos linguísticos.

As autoras encerram o texto afirmando que a perspectiva enunciativa da TOPE responde a produção dos alunos, tanto nos exercícios de escrita como os de interpretação textual, os quais devem ser referenciais para o trabalho a ser conduzido no ensino com o objetivo do desenvolvimento linguístico-cognitivo dos alunos.

Passemos para próxima descrição.

3.2 Da atividade epilinguística à metalinguística: uma perspectiva operatória no ensino de língua portuguesa

O segundo texto que faremos a descrição é intitulado “Da atividade epilinguística à metalinguística: uma perspectiva operatória no ensino de língua portuguesa”, de autoria de Onofre e Onofre (2021), publicado na revista Traços de Linguagem. O objetivo do artigo é investigar a criatividade no processo de ensino-aprendizagem de produção textual, tomando como base teórica e metodológica a Teoria das Operações Enunciativas (TOE) de Antoine Culioli. O texto parte da ideia de que a linguagem não é estática, mas uma atividade constitutiva de significação, marcada pela interação entre sujeitos. Assim,

[...] nesse sentido, adotar tal modelo nas práticas de ensino-aprendizagem de língua significa conceber a linguagem como atividade humana constitutiva de significação resultante de configurações linguísticas que se fazem por meio das línguas naturais. Considera-se que todo processo de construção de significação sustenta-se por relações psicossociológicas mediadas por fatores físico-culturais [...] (Onofre e Onofre, 2021, p. 9).

Em contraposição a modelos comunicativos tradicionais que priorizam a funcionalidade e a reprodução de gêneros estabilizados, os autores argumentam que a TOPE propõe compreender os processos criativos que emergem na própria atividade discursiva, ainda que não se ajustem de imediato às normas ou modelos exemplares. Os autores criticam o fato de que, no ensino, não se discutem as divergências ou contradições nas fundamentações das questões teórico-metodológicas.

O texto explicita que, apesar das atividades modelares contribuírem para o desenvolvimento da criatividade linguística, há também a criatividade concebida não somente como resultante dos processos geniais, a questão central da pesquisa consiste na compreensão de que ao trabalhar com modelos ideais não se consideram as marcas que possam surgir nos textos dos alunos. Para sustentar essa abordagem, os autores analisam produções de alunos em que surgem deslocamentos enunciativos de tempo, espaço e pessoa,

mostrando que essas ocorrências revelam operações epilinguísticas (não conscientes) que sustentam a construção de sentidos. Vejamos, a seguir, um excerto de redação de vestibulandos utilizado para análise dos autores:

Hoje em dia, no nosso país, a saúde está sendo deixada de lado, pelos governantes desse país. **Só escutamos promeças em épocas de eleições, e não vimos benefícios nenhum ao longo do ano. Porém em certos lugares ainda temos ações preventivas, nesse assunto entramos em outro problema que é a dificuldade que os estados encontraram ao lançarem ações preventivas** (Onofre e Onofre, 2021, p.12, grifos dos autores).

Dado esse enunciado os autores reconhecem a instauração de dois eixos espaço-temporais, os quais são: 1. O espaço-temporal referenciado não se discretiza, não se singulariza, à medida que esse espaço não está quantificado, e está qualificado em um continuum, um traço denso; 2. O espaço-temporal referenciado discretiza-se, à medida que esse espaço está quantificado e qualificado, singularizando o processo descrito.

A vista disso, é importante apresentar aqui uma das questões norteadoras proposta pelos autores, que consiste em “como trabalhar com ocorrências linguísticas presentes nas produções de textos de alunos, que apresentam instanciações deslocadas quer de pessoa, de espaço ou de tempo, e que não se resolvem pela exposição de modelos exemplares?” (Onofre e Onofre, 2021, p.12). Para Onofre e Onofre (2021), o professor, nesse contexto, não deve apenas corrigir os “erros”, mas aproveitá-los como pistas para o desenvolvimento de processos metalinguísticos e cognitivos. Na concepção dos autores:

[...] “tais marcas seriam, a nosso ver, as pistas, ou inferências a serem referenciais para o trabalho do professor, à medida que o exercício de produção de texto proposto no ensino objetiva o desenvolvimento da competência discursiva do aluno” (Onofre e Onofre, 2021, p.12).

Os autores detalham os três níveis de operação de linguagem segundo a TOPE: epilinguístico (mental e inconsciente), linguístico (materialização discursiva) e metalinguístico (reflexão consciente sobre os dois anteriores), para eles o ensino de língua deve articular esses três níveis, promovendo a autonomia e autoria dos estudantes. A criatividade, portanto, não é vista apenas como o ápice da linguagem, mas como algo presente nos rastros deixados pela atividade epilinguística dos alunos. O artigo destaca ainda a relevância de se articular gramática e texto em sala de aula, explorando mecanismos como glosas, paráfrases e famílias parafrásticas para tornar visíveis os processos de significação.

A conclusão reforça a importância de integrar gramática e texto a partir de uma perspectiva processual e construtivista. O ensino de língua deve acolher as operações epilinguísticas e metalinguísticas como parte essencial da formação discursiva dos alunos.

3.3 Gramática e Construção da significação

O terceiro texto que faremos a descrição é intitulado “Gramática e Construção da significação” de autoria de Campos (2000). O objetivo do texto supracitado é evidenciar que o estudo da significação deveria ser central no estudo dos processos linguísticos, e que, no entanto, sua constituição como objeto de análise não tem sido nem imediata nem discutida na história da linguística moderna. Para a autora, o significado (ou significação) das palavras deveria ser o foco principal quando estudamos a linguagem.

Essa falta de atenção ao significado também aparece na forma como a gramática é ensinada nas escolas. Entender o significado vai muito além das palavras isoladas, elas não possuem sentido por si mesmas. O significado se constrói quando as palavras fazem parte de frases completas, chamadas aqui de enunciados. Nesses enunciados, as palavras estabelecem relações entre si e obedecem a certas regras de gramática e sentido, como: tempo, pessoa, número, etc. Como o texto sugere:

No contexto escolar, há interesse em adoptar uma abordagem dinâmica no estudo da significação. Ao ir construindo, em etapas sucessivas, os valores referenciais que convergem, em interdependência, para a significação do enunciado, vai se descrevendo e explicando, de forma sistemática, o que determina a boa ou a má formação das sequências, a partir de compatibilidades e incompatibilidades entre as categorias coocorrentes (Campos, 2000, p. 164).

Portanto, no contexto de ensino, essa forma dinâmica de olhar como o significado vai sendo construído aos poucos dentro das frases nos possibilita entender porque algumas combinações de palavras funcionam bem e outras não. O texto exemplifica a partir de uma abordagem, ao analisar o significado da palavra “mesa” não basta olhar somente no dicionário, para entender é necessário ver como ela é usada dentro de uma determinada frase, com outras palavras que ajudam a definir melhor o que se quer dizer, essas palavras adicionais ajudam a construir o significado do que está sendo dito. No fim, o foco do estudo deixa de ser só o significado isolado, já que muitas abordagens tradicionais de ensino focam mais em regras e estruturas do que em como a linguagem realmente constrói sentido.

Assim, a autora expõe ao longo do texto, diferentes momentos na construção da significação na perspectiva de uma gramática de produção: Ao construir significação, parte-se de uma relação prediativa - <arb> - entre três termos: um predicado e os seus argumentos - <arb>, que corresponde a um conteúdo proposicional. (Campos, 2000, p. 164).

Note, que a partir das palavras de Campos, concluímos que a construção do significado começa com uma estrutura chamada “relação prediativa”, que envolve um predicado (geralmente um verbo) e os seus argumentos, os participantes da ação, como o sujeito e o objeto. Isso forma uma ideia básica, um conteúdo que pode virar uma frase com sentido. Quando falamos ou escrevemos, o que o texto chama de enunciação, esse conjunto recebe valores referenciais, ou seja, começa a fazer referência a coisas do mundo real e vira uma frase com sentido completo. Esses valores são construídos por um tipo de relação chamada *repérage* (localização). Nela, uma palavra ou termo é compreendido em relação a outro que já está mais definido. Por exemplo, quando dizemos “esta mesa”, a palavra “esta” ajuda a localizar e dar mais sentido à palavra “mesa”.

A autora finaliza sua reflexão afirmando que o ensino de gramática deve articular sintaxe, semântica e pragmática. O intuito do ensino de gramática deve ser aproximar o aluno do seu objeto de análise e torná-lo consciente das configurações específicas do processo de construção de valores das unidades linguísticas.

3.4 O ensino de Gramática em uma Perspectiva Enunciativa

Para finalizar, faremos a descrição do capítulo 12 do livro “Reflexões linguísticas e literárias aplicadas ao ensino”. O capítulo é intitulado “O ensino de Gramática em uma Perspectiva Enunciativa”, escrito por Lima (2010). O objetivo deste texto é explorar maneiras de abordar os conteúdos gramaticais articulando língua e linguagem, incentivando assim uma reflexão sobre como os sentidos são produzidos e reorganizados no uso real da língua. A autora enfatiza, logo na introdução, que não apresenta uma proposta de ensino gramatical, entretanto, o capítulo oferece uma entre diversas possibilidades de se trabalhar a gramática, valorizando uma compreensão do funcionamento linguístico em situações concretas de comunicação.

A perspectiva adotada pela autora está fundamentada na Teoria das Operações Enunciativas (TOPE) de Antoine Culioli (1990), que não entende a enunciação como um simples ato de uso individual da língua, mas como um processo no qual o enunciado é

construído. Assim, o foco desloca-se para os mecanismos que participam da formação dos sentidos no próprio ato de dizer. Ou seja,

construímos enunciados para significar; assim, enunciar é construir significação, é estabelecer um sistema de relações. A linguagem é uma atividade de construção que se realiza através de operações que resultam na produção de enunciados cujos valores referenciais são construídos e não dados (Lima, 2010, p. 232).

O texto problematiza o ensino de gramática por ainda estar voltado para aplicação de conceitos, classificações, identificações e prescrições. Lima (2010) advoga que o resultado não é satisfatório do ponto de vista do desempenho da competência discursiva do aluno, além de não promover condições para uma reflexão sobre a língua em uso, que deve ser uma constante em todas as áreas do ensino. Essa reflexão não está restrita a conteúdos gramaticais,

[...] mas a uma reflexão voltada para a construção de significação, ancorada na gramática da língua e do léxico. Enfim, refletir sobre a língua sobre seu funcionamento na sua realidade cotidiana manifestada na diversidade dos textos quer sejam orais quer sejam escritos (Lima, 2010, p. 233).

Para tanto, Lima (2010), nos apresenta um conjunto de enunciados e explicita uma reflexão sobre uma operação de um valor modal epistêmico, o qual reflete o grau de conhecimento do sujeito enunciator acerca do que está sendo dito. Vejamos a seguir os exemplos 20, 21, 22 e 23:

20. Acho que Maria comprou um carro com o dinheiro do seguro.

21. É provável que Maria tenha comprado o carro com o dinheiro do seguro.

22. Talvez Maria tenha comprado o carro com o dinheiro do seguro.

23. Provavelmente Maria comprou um carro com o dinheiro do seguro.

A autora argumenta que nos exemplos dados o grau de certeza do sujeito enunciator vai se tornando mais frágil e, conseqüentemente, o grau de comprometimento em relação ao conteúdo proposicional. Observemos mais um exemplo:

30. Eu gostaria de comprar um carro.

Em 30, Lima (2010) explicita que há uma manifestação do sujeito enunciador marcada por um valor modal volitivo. Para ela, o professor pode explorar a peculiaridade da marca temporal da forma verbal “gostaria”, o futuro do pretérito para a construção do valor volitivo. O professor também pode explorar em um texto com os alunos outras marcas verbais que assumam o valor volitivo sem estar no futuro do pretérito.

Na conclusão, a autora argumenta que o ensino de gramática deve estar vinculado ao processo de compreensão da construção de significação. O objetivo dessa abordagem é levar o aluno a refletir sobre o funcionamento da língua em uma perspectiva dinâmica, explicitando que os valores são construídos e essa construção detém uma intencionalidade.

3.5 Síntese conclusiva

A partir da análise comparativa das quatro produções selecionadas, verificamos que, embora cada autor mobilize procedimentos analíticos específicos, todos compartilham a compreensão da linguagem como atividade de construção de significação, e não como mera reprodução de modelos estabilizados ou aplicação normativa.

Observamos que Santos e Onofre (2021) enfatizam a exploração de mecanismos enunciativos nos gêneros biografia e entrevista, demonstrando que os deslocamentos de tempo, espaço e pessoa identificados nas produções dos alunos constituem indícios das operações cognitivas e linguísticas implicadas na construção do sentido.

Em continuidade a essa perspectiva, constatamos que Onofre e Onofre (2021) aprofundam a discussão ao destacar a relevância das operações epilinguísticas e metalinguísticas, evidenciando que os rastros deixados pelos sujeitos em seus textos devem ser tomados como material analítico privilegiado para compreender o funcionamento da atividade de linguagem, e não apenas como desvios em relação a formas estabilizadas.

Verificamos ainda que Campos (2000) evidencia que a significação emerge da articulação predicativa entre os elementos do enunciado, defendendo uma abordagem gramatical que integre os níveis sintático e semântico de modo a tornar visíveis as operações responsáveis pela construção do sentido. Do mesmo modo, observamos que Lima (2010) reforça essa orientação ao explorar valores modais e operações de significação, sustentando que a reflexão sobre a língua em funcionamento é central para a compreensão dos processos enunciativos.

Em síntese, concluímos que os quatro trabalhos convergem na defesa de práticas que reconhecem o sujeito como agente da construção do sentido, articulando os pressupostos da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas às demandas do ensino de língua portuguesa e concebendo a linguagem como processo dinâmico e relacional.

Dessa forma, evidenciamos que a articulação entre produção textual, análise linguística e reflexão sobre operações enunciativas contribui para a compreensão do funcionamento da linguagem e para o desenvolvimento de capacidades de operação consciente sobre a língua, em consonância com as orientações da BNCC.

4 Considerações finais

Neste artigo, refletimos sobre o ensino de língua portuguesa e de gramática a partir dos pressupostos da TOPE, tomando a linguagem como atividade e a significação como resultado de operações realizadas pelo sujeito. A análise teórico-reflexiva das quatro produções de orientação culioliana permitiu evidenciar convergências importantes quanto à necessidade de deslocar o ensino da língua, pautado em abordagens centradas na aplicação de normas, para perspectivas que privilegiam o funcionamento linguístico.

Os trabalhos analisados compartilham a compreensão de que o ensino de gramática deve possibilitar a observação das relações que estruturam os enunciados, tornando visíveis as operações predicativas responsáveis pela construção dos valores de significação. Nesse sentido, a gramática deixa de ser tratada como um conjunto de formas estabilizadas e passa a ser compreendida como um instrumento de análise das operações que organizam a atividade de linguagem.

Destaca-se, ainda, o papel das atividades epilinguísticas, que permitem acessar os processos de ajuste, reformulação e estabilização mobilizados pelo sujeito ao produzir enunciados. Os deslocamentos de pessoa, tempo e espaço observados nas produções analisadas são interpretados como traços dessas operações, e não como desvios a serem apenas corrigidos. Essa orientação implica repensar o ensino de produção textual e de gramática de modo integrado, considerando a construção da significação como eixo organizador das práticas de ensino.

Concluímos que a TOPE oferece fundamentos teóricos consistentes para um ensino de língua portuguesa que privilegia a análise do funcionamento da língua e da atividade do sujeito. Ao centrar-se nas operações que sustentam a significação, essa perspectiva contribui

para a construção de práticas de ensino que articulam reflexão gramatical e produção de sentidos, afastando-se de modelos exclusivamente normativos.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília. MEC, 2018.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. **Resolução CNE/CP nº 2, de 20 de dezembro de 2019**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). Brasília: CNE/CP, 2019.

CAMPOS, M. H. da C. Gramática e construção da significação. In: **Actas do colóquio a linguística na formação de professores de português**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2000. p. 164–175.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**. Tome IV. Tours et detours. Limoges: Lambert-Lucas, 2018.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**: domaine notionnel. Paris: Ophrys, 1999b.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**: formalisation et opérations de repérage. Paris: Ophrys, 1999a.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**: opérations et représentations. Paris: Ophrys, 1990.

CHOMSKY, N. Aspectos da teoria da sintaxe. In: Textos Seleccionados. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

FRANCKEL, J; J.; PAILLARD, Denis. Aspecto da teoria de Antoine Culioli. In: VOGUÉ, S. de; FRANCKEL, Jean Jacques; PAILLARD, D. **Linguagem e enunciação**: representação, referenciação e regulação. São Paulo: Contexto, 2011. p. 87-101.

LIMA, M. A, F. O ensino de gramática em uma perspectiva enunciativa. In: LIMA, A.F; ALVES FILHO, F; COSTA, C. de S. S. M. da. **Reflexões linguísticas e literárias aplicadas ao ensino**. Teresina: EDUFPI, 2010.

ONOFRE, Marília Blundi; ONOFRE, Stéfano Grizzo. Da atividade epilinguística à metalinguística: uma perspectiva operatória no ensino de língua portuguesa. **Traços de Linguagem**, Cáceres, v. 5, n. 2, p. 9–19, 2021. DOI: 10.30681/2594.9063.2021v5n2id6569.

REZENDE, Letícia Marcondes. **Léxico e gramática**: aproximação de problemas linguísticos com educacionais. 2000. Tese (livre-docência). - Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2000.

SANTOS, Lidiany Pereira dos; ONOFRE, Marília Blundi. Mecanismos enunciativos: entre a entrevista e a biografia. **Estudos Linguísticos (São Paulo)**, v. 50, n. 3, p. 1305–1320, dez. 2021.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação**: uma proposta para o 1º e 2º grau. São Paulo: Cortez, 1996.